XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
Conhecimento histórico e diálogo social
Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013
ANPUH BRASIL

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO HOSPITAL DE MANGUINHOS: O DIÁRIO DE EVANDRO CHAGAS (1939)

MARIA REGINA COTRIM GUIMARÃES[1]

RENATA SOARES DA COSTA SANTOS[2]

Introdução

Algumas reflexões sobre o diário de Evandro Chagas escrito em 1939 ajudam a compor o projeto História e Memória da Pesquisa Clínica do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC), antigo Hospital de Manguinhos. Uma peculiaridade deste hospital foi a de ter sido criado com a finalidade de promover pesquisa (além da assistência) nos pacientes. No dia 24 de janeiro de 1912, o Decreto nº 9.346 da Presidência da República abria ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores o crédito especial no valor de 500:000$, do qual 300.000$ foram destinados às instalações hospitalares:

> "para a construção, anexo ao Instituto Oswaldo Cruz, para o fim exclusivo de se promover a descoberta e aplicação do tratamento terapêutico e profilático da moléstia de Carlos Chagas, de um hospital com todas as dependências e instalações apropriadas, tais como biotérios, locais para experimentação em animais, etc.". (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1912)

O historiador Jaime Benchimol entendeu que um hospital em Manguinhos era uma estratégia bastante condizente com a proposta de Oswaldo Cruz: fazer ciência e sanear o Brasil:

> "A construção do hospital fazia parte da ambiciosa estratégia de transformar o instituto na ponta de lança dos inquéritos epidemiológicos e da intervenção profilática nas zonas rurais do país, inteiramente negligenciada pela Saúde Pública que mal dava conta das demandas da capital". (BENCHIMOL, 1990:215)

[1] IPEC/Fiocruz, médica, doutora em História das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz)

[2] IPEC/Fiocruz, historiadora, mestre em História Social da Cultura (PUC/RJ)

Para o leitor atento às matemáticas do decreto que criou o Hospital, os restantes 200.000$ destinaram-se às "experiências de profilaxia e assistência médica nas zonas mais flageladas pela referida moléstia", ou seja, pesquisa e controle da doença de Carlos Chagas no interior do Brasil. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1912)

Carlos Chagas era a grande autoridade do Instituto Oswaldo Cruz e do Departamento Nacional de Saúde Pública no período em que as obras de construção do Hospital teriam sido concluídas, em 1918. No ano anterior falecia Oswaldo Cruz, que nos deixou também a questão da dimensão estratégica desse hospital para Manguinhos, pois suas obras ficaram paradas por muitos anos e só foram retomadas num segundo decreto presidencial de janeiro de 1918.

Por falar em hospital, neste início do século XX, a doença adquiria um importante papel no debate sobre a identidade nacional (HOCHMAN, 1993). Intelectuais e médicos olhavam para o interior do Brasil, e viam aí "um imenso hospital", expressão do médico Miguel Pereira num contexto em que inúmeros cientistas ligados a Manguinhos entravam pelos sertões a fim de estudar doenças e elaborar políticas sanitárias (SÁ, 2009). Doenças tropicais, como a tripanosomíase americana (doença de Chagas), a malária, a lepra, as leishmanioses, a bouba e a peste, dentre tantas outras, faziam parte das atenções destes cientistas, tanto nas expedições aos interiores quanto dentro do Hospital de Manguinhos. A doença de Chagas, cuja clínica Evandro Chagas ajudou a conceber, foi palco de calorosos debates no meio médico acadêmico nas primeiras décadas do século XX. (KROPF, 2009).

O diário de 1939 pode contribuir para se identificar nas relações pessoais e profissionais de Evandro Chagas o universo da construção da pesquisa clínica e epidemiológica sobre doenças tropicais do período. Não se pretende, aqui, detalhar o diário, mas utilizá-lo como ponto de partida para debates que poderão ser aprofundados em trabalhos posteriores. Esse diário se situa na conexão entre Manguinhos e interior do Brasil, em 1939, no início de um conflito mundial do qual o Brasil não estaria isento (Segunda Guerra Mundial), durante um 'tour de force' que envolveu instâncias sanitárias do governo brasileiro e a Fundação Rockefeller para a erradicação do mosquito vetor relacionado a uma epidemia de malária no Nordeste do Brasil.

O historiador Renato da Silva (2008) deu a ideia da dimensão dessa epidemia no ano anterior ao do diário: em 1938, o Nordeste brasileiro sofreu a maior epidemia de malária registrada nos continentes americanos. Seu vetor, o mosquito *Anopheles gambiae*, não havia sido detectado no Brasil até 1930, quando foi encontrado no Rio Grande do Norte. No ano de 1938, neste Estado, houve cinco mil mortes em uma população de 240 mil habitantes; no Ceará, no Vale do Jaguaribe, em julho, foram registrados 63 mil casos, com oito mil óbitos. Em algumas localidades, o impacto sobre a população chegou ao surpreendente índice 90 % de fatalidade (SILVA, R., 2008:17-19). Segundo o autor, que analisou as políticas públicas para a malária, os Estados Unidos mostraram-se preocupados com a ameaça do mosquito *Anopheles gambiae*, pela possibilidade de que atingisse a Amazônia e chegasse ao Canal do Panamá. Este teria sido um dos motivos para que fosse firmado um acordo entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller para o controle da malária. (idem, idem)

Uma pequena trajetória do autor do diário, Evandro Chagas

Evandro Chagas nasceu em 10 de agosto de 1905, no Rio de Janeiro, filho de Carlos Chagas e Íris Lobo Chagas. Em 1921, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Realizou seu internato no Hospital de Manguinhos (à época, chamado de Hospital Oswaldo Cruz - HOC) e no Hospital São Francisco de Assis, quando aprofundou seus estudos de cardiologia. Em 1927 nasceu Tatiana, sua filha com Maria da Graça Dutra. No Hospital Oswaldo Cruz, depois de formado, chefiou uma enfermaria e os serviços de Radiologia e de Eletrocardiografia a partir de 1926 e publicou trabalho sobre alterações eletrocardiográficas na febre amarela (CHAGAS; FREITAS, 1929). Em 1930 lecionou na cátedra de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ; seu pai era o catedrático), para a qual apresentou a tese de livre-docência *Forma cardíaca da tripanossomíase americana*. Lecionou também na Faculdade de Medicina e Cirurgia (atual UNIRIO). Ainda em 1930, assumiu a chefia do laboratório do HOC, na da Seção de Patologia Humana. Em 1936, chefiou a Comissão Encarregada dos Estudos da Leishmaniose Visceral Americana (CEELVA), organizada pelo Instituto de Manguinhos e publicou um estudo do primeiro caso humano autóctone da leishmaniose visceral americana (CHAGAS, 1936 apud CHAGAS *et al*., 1937). Ainda em 1936, obteve o apoio do governo do Pará para a criação do

Instituto de Patologia Experimental do Norte, com sede em Belém (atual Instituto Evandro Chagas). O Instituto tinha como missão estudar os problemas médico-sanitários da região, orientando sua profilaxia e assistência. Evandro Chagas foi o responsável pela criação do SEGE (Serviço Especial de Grandes Endemias), em 1937, com base no HOC, cujas pesquisas eram financiadas majoritariamente por Guilherme Guinle, empresário e seu amigo pessoal[3]. Em 1938, participou, em Recife, da instalação de um laboratório voltado para o estudo da esquistossomose, cujos trabalhos ficaram a cargo da Comissão de Estudos de Patologia Experimental do Nordeste. Ainda nesse mesmo ano, instalou um posto de pesquisas em Russas (CE), durante a campanha de erradicação do vetor da epidemia de malária ocorrida na região, o mosquito *Anopheles gambiae*, em ação conjunta com o Serviço de Malária do Nordeste e a Fundação Rockefeller. Em 1940, com a cooperação da Delegacia Federal de Saúde, realizou o levantamento epidemiológico da malária no vale do Amazonas. (MEMÓRIA, 2004; PARAENSE, 2005; COC, 2010)

Evandro Chagas morreu em 8 de novembro de 1940, num choque entre o avião "Cidade de Santos", da VASP - que decolava do aeroporto Santos Dumont - com um hidroavião que participava da comemoração do dia da aviação – "Dragon" -, na enseada de Botafogo, no Rio de Janeiro (SILVA, C.A., 2008:34-35).

Construindo Evandro Chagas

Nossa escolha teórica para uma leitura do diário leva em conta o conceito de construção do conhecimento, da nova história cultural. Peter Burke (2005) analisou o debate da história cultural relativo ao conhecimento objetivo. Diferente do conceito de representação – ideia de que existe uma realidade objetiva que pode ser percebida através de olhares diversos –, a ideia de construção ou produção da realidade responde melhor 'às discussões sobre a relação problemática entre a linguagem e o mundo externo que ela supostamente "refletia"' (BURKE, 2005:100). A perspectiva histórica construtivista, usada para análise do

[3] Um debate aprofundado filantropia, saúde e hospitais pode ser encontrado no livro de Gisele Sanglard, "Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940" (Sanglard, 2008).

diário, problematiza este objeto, que não fala por si nem possui vida própria. Há que se lhe perguntar e construir respostas.

O historiador e filósofo da ciência Simon Schaffer (1994), assim como outros autores (FIGUEIROA, 2001), criticou um modo de olhar a ciência que promoveu um modelo heroico das descobertas, no qual os eventos são tidos como processos mentais exercidos por figuras de poderes superiores. Estes modelos cultivaram a imagem do descobridor como o indivíduo isolado, identificado como o autor da inovação.[4] A ciência seria uma sequência linear de descobertas; o progresso da ciência se daria, assim, numa sucessão de gênios e de rupturas. Os estudos mais recentes, segundo Schaffer (1994), vêm desafiando tal consenso que este autor chamou ironicamente de 'feliz', e vêm dirigindo nossa atenção para a intrigante relação entre a autoridade de uma descoberta e sua autorização enquanto uma descoberta. (idem, idem)

As memórias de cientistas, como Pasteur, Faraday e Einstein, durante muito tempo, tiveram o papel de autoridade sobre os estudos da produção da ciência. No entanto, uma vez que reconheçamos o trabalho interpretativo e social de construir cânones e de mantê-los sagrados, poderemos projetar uma melhor abordagem da história dos descobrimentos (SCHAFFER, 1994). Segundo Schaffer,

> 'The fetishism of discovery and invention is certainly an obstacle to its understanding. The heroic model suppresses the collective, communal features of assessment and judgment. It replaces temporally extended and complex processes involving the assemblage of material resources with an instantaneous "burst" (…)' (SCHAFFER, 1994:18)

As histórias da invenção e da descoberta, para Schaffer (1994:16), particularmente nas ciências, têm como uma característica constante o olhar retrospectivo, o que fez este autor perguntar como, então, deveríamos ler o testemunho deixado pelos protagonistas dos feitos (idem, idem). O diário de Evandro Chagas se integraria no que Schaffer (1994) considerou um "curso de fabricação de histórias disciplinares de práticas científicas específicas". Pode ser visto como parte de um processo de criação de feitos e descobertas, que envolve autores,

[4] A indicação de um descobridor de doenças e/ou de agentes etiológicos é um fenômeno repetitivo nos 'dados históricos' das publicações no campo das ciências biomédicas. Frequentemente Evandro Chagas é citado nesse papel, quando o assunto é leishmaniose.

locais e conteúdos. Indica a comunidade com quem seu autor quis dialogar: médicos e cientistas envolvidos com a pesquisa e com a saúde pública do Brasil, e que "se organizou para definir o que ela considerou como sucesso" (SCHAFFER, 1994).

Nas biografias de Evandro Chagas escritas por seus colegas e contemporâneos, como Wladimir Lobato Paraense (2005) e Leônidas Deane (1986), encontramos o sucesso criado pela comunidade com quem Evandro Chagas dialogava (SCHAFFER, 1994). Estes biógrafos o definiram como pessoa de inteligência superior, que inauguraria a ideia de que a leishmaniose visceral era doença endêmica no Brasil, entre outros feitos, como a descoberta do primeiro caso brasileiro desta doença, além de líder e gerente de um serviço que erradicou a malária. Lobato Paraense, médico e colega de trabalho de Evandro Chagas nos anos 1930, o considerava inteligente, precoce [5] e predestinado ao sucesso." , o que seria esperado de quem fosse um filho de Carlos Chagas:

> "Uma característica de sua personalidade foi a precocidade intelectual. Ingressando na Universidade antes de completar 16 anos, recebeu o diploma de médico aos 21. Seu domínio do idioma inglês fez dele, quando ainda primeiranista da Faculdade, o intérprete natural de seu pai, o grande Carlos Chagas, cujas conferências apresentou perante os auditórios científicos dos Estados Unidos. [...] Exprimindo-se também fluentemente em alemão, foi mais uma vez, quando cursava o 5.º ano, o locutor de Chagas nas conferências em Hamburgo e Berlim (...)" (PARAENSE, 2005)

Leônidas Deane, médico e personagem do diário de 1939, que também iniciou sua vida profissional com Evandro Chagas, nas expedições pelo Norte e Nordeste do Brasil, concordou com seu colega:

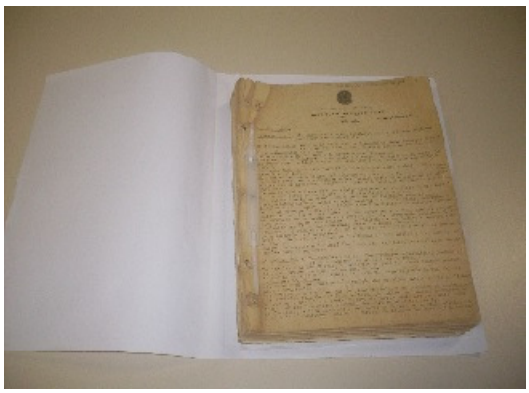
> "Carlos Chagas, então diretor do Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos, no Rio de Janeiro, incumbiu seu filho, Evandro, de estudar a doença em áreas de procedência dos casos revelados por Penna. Pouco depois falecia Carlas Chagas e só em fevereiro de 1936 pôde Evandro viajar para o Nordeste. Munido das fichas dos casos de calazar diagnosticados post-mortem, logo em março achou em Sergipe o primeiro paciente brasileiro diagnosticado em vida, aliás na mesma casa onde a viscerotomia fizera dois diagnósticos. Evandro fez detalhado estudo clínico desse paciente (E. Chagas, 1936), verificando a semelhança da doença com o calazar mediterrâneo (...) Quero ressaltar quão importante foi, para o futuro do Instituto, o ter sido criado e no princípio orientado por Evandro Chagas. Evandro era uma pessoa invulgar. Inteligência privilegiada e notável capacidade de exposição e

[5] Na época em que Evandro estudou, era a regra ingressar nas faculdades, logo após o "ginasial", com 15/16 anos.

> argumentação em vários idiomas, tinha também grande resistência física e um evidente dom de liderança. Comunicou ao grupo de jovens de sua equipe a mística do pioneirismo e o desejo de participar do trabalho detetivesco de elucidar a transmissão das doenças de nossas populações rurais. Abria-se para nós um novo mundo, o das pesquisas de campo. Um mundo duro mas fascinante por seu sabor de aventura e que nos empolgou de tal maneira que se tornou o ambiente da maioria das investigações de vários de nós pelo resto da vida." (DEANE, L.,1986)

Para a historiadora Silvia Figueiroa (2001), assim como para Schaffer (1994), as biografias dos cientistas se caracterizaram pela escolha de personagens famosos (...), 'a maioria deles, "gênios", invariavelmente rotulados como "homens fora ou à frente de seu tempo", imunes às paixões ou, quando delas não puderam escapar, souberam separar corações e mentes na produção do conhecimento'. (FIGUEIROA, 2001:238) Pensando no diário, vemos que Evandro Chagas foi um indivíduo com privilégios peculiares ao estatuto de médico e à sua filiação familiar e institucional, o que muito influenciaria sua trajetória.

O diário de Evandro Chagas como pista de uma história da pesquisa clínica



O Diário de 1939. Foto de Frederico Gualandi – COC/Fiocruz

Evandro Chagas escreveu alguns diários e relatórios de viagens. O diário, que cobre literalmente todos os dias do ano de 1939, foi datilografado e revisto, o que nos sugere a intenção de deixar uma boa impressão e a perspectiva da posteridade. Evandro Chagas pode ter desejado, também, prestar contas das viagens e dos acontecimentos para o industrial Guilherme Guinle, seu amigo, que financiava grande parcela de suas pesquisas. Mas um relatório das viagens seria o suficiente para uma prestação de contas; Evandro Chagas já havia, inclusive, redigido o *Relatório dos Trabalhos Realizados pela Commissão Encarregada do Estudo da Leishmaniose Visceral Americana*, de 1936.

O diário, diferentemente de um relatório, é um trabalho individual e, como tal, tem características únicas que falam muito sobre seu autor. Para o psicanalista e antropólogo Contardo Calligaris (1998), um diário é um documento privilegiado em nossa cultura, um dispositivo da modernidade e uma necessidade cultural (CALLIGARIS, 1998). Questões de caráter privado, tais que amizades, encontros, decepções, raivas e alegrias fizeram parte do contexto da saúde pública contada no diário. Contextos de doença, de locais, impressões de situações, mistura de afetos, desafetos, publicações científicas, mosquitos, doentes e microscópios podem significar a revelação de elementos que porventura tenham sido "embaçados", parafraseando o historiador Carlo Guinzburg (1986). Guinzburg (1986), no livro "Mitos, emblemas, sinais", realizou uma reflexão sobre a existência de "minúsculas particularidades paleográficas" que servem de indícios para o encontro de pistas que permitem "reconstruir trocas e transformações culturais" (GUINZBURG, 1986:176-177). Este recurso, o paradigma indiciário, permite mesmo decifrar uma "realidade opaca", pois aí existem "zonas privilegiadas", constituídas por sinais e indícios (idem, idem:177). Assim, a história é apresentada como um conhecimento indiciário, tal como a medicina e a psicanálise. O conhecimento do historiador é "indireto", "indiciário" e "conjetural", e comparável ao do médico, que utiliza "quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente" (idem, idem:157). Na psicanálise, de forma semelhante, "pormenores aparentemente negligenciáveis" revelam "fenômenos profundos de notável alcance" (idem, idem:178).

Em busca das pistas, já na primeira página do diário sugerimos alguns indícios que podem ser seguidos. Transcrevemos aqui esta página, a fim de familiarizar o leitor com as pistas:

> "**Janeiro, 1939**
> **Domingo, dia 1**
> Não encontramos o Dr. Guilherme Guinle, com quem havíamos combinado uma conferência.
> **2ª feira, dia 2**
> Iniciou os trabalhos de filmagem de nosso material para a feira de New York o Snr. Humberto Mauro do Instituto Nacional do Cinema Educativo do M. E.
> Encarregamos o Dr. G. Deane de acompanhar a filmagem.
> Verificamos na Faculdade de Medicina a situação dos trabalhos da seção, digo, de culturas de tecido; o material está todo esterilizado e pronto a funcionar.
> Marcamos para Da. Alayde Carneiro entrevista com o Dr. Simões Lopes amanhã às 15 horas.
> Dr. Fontes marcou a viagem definitivamente para o dia 11.
> Tentamos inutilmente convencer Dr. Alcides Godoy da necessidade de uma viagem sua ao nordeste. Expusemos o plano de trabalho em Russas, ele achou bom.
> Chegou do Pará o Cmte Braz de Aguiar trazendo os relatórios do Dr. Morelli que nos serão dados no dia 4 no Itamaraty às 14 horas.
> Dr. Bichat Rodrigues reiniciará o trabalho no Instituto amanhã.
> Começará a trabalhar no nosso serviço amanhã o auxiliar Miguel Borrielo.
> Obtivemos autorização para o início amanhã da retirada do material pertencente ao serviço do Dr. Lobo.
> Esteve no serviço o Snr. Barth da casa Bayer que nos disse deverem chegar os hamsters que encomendamos no próximo dia 11. Trouxe-nos amostras de um novo produto Bayer para tratamento da tripanosomíase humana e convidou-nos a almoçar amanhã no Club Germânia com o Dr. Manoel Ferrreira.
> Estivemos na Casa Mestre e Blatgé onde obtivemos preço e modelo de bombas para aspersão de inseticidas.
> Está no Rio o Dr. De Primio do Rio Grande do Sul; deverá vir ao serviço amanhã.
> Esteve no serviço o Dr. José Bicca que veio ver local para as novas instalações para fotografias.
> **Terça feira, dia 3**
> Telegrafamos ao Snr. Moacyr Bezerra, Fortaleza, pedindo preço para componentes da fórmula de inseticida.
> Telegrafamos ao Dr. Herbert Antunes também para Fortaleza pedindo procurasse obter preços para aparelhos aspersores.
> Esteve no serviço Dr. Manoel Ferreira, que seguirá terça-feira, dia 10, para Natal, com o Dr. Wilson.
> Dr. Manoel já deu ordem para suspensão dos serviços antilarvários de Timbaúbas e Gracismões.
> Resolvemos, para a elaboração do plano definitivo do trabalho em malária, partir 6ª feira, pela Condor, para Fortaleza, Sábado para Russas, permanecendo aí 2ª feira e 3ª feira, devendo partir neste dia para Natal, onde encontraremos Dr. Wilson e Manoel Ferreira na 4ª feira, dia 11. De Fortaleza a Assú usaremos o automóvel do S.F.A. ou o avião militar. De Assú a Natal usaremos o carro do serviço de malária que estará à nossa espera." (CHAGAS, 1939, 1 a 3/01)

Aí temos uma apresentação do tema, uma introdução ao leitor dos assuntos presentes ao longo do ano. Evandro Chagas apresenta, na primeira frase, o primeiro personagem, o industrial Guilherme Guinle, para quem prestaria contas das atividades do ano de 1939 que se iniciava naquele dia (é no mínimo curioso um diário de trabalho se iniciar num feriado).

Percebemos a gerência de Evandro Chagas sobre os recursos doados, como no dia 31 de maio, em que diz ter recebido comunicação de falta de verbas e ter determinado "que fossem solicitadas verbas suplementares ao Dr. Guinle imediatamente até que pudéssemos ir ao Rio, o que só será possível sem prejuízo para os serviços, na 2ª quinzena de junho" (CHAGAS, 1939, 31/05).

O autor descreveu uma grande movimentação no Serviço (entenda-se por Serviço o SEGE, cuja sede parece ter sido o Hospital de Manguinhos), de visitantes e de várias outras atividades não diretamente vinculadas à medicina e à pesquisa, como fotografias e filmagens. Algumas relações já seriam adiantadas nessa página, como a de Evandro Chagas com o Dr. Gladstone Deane, que, aqui estava encarregado de acompanhar Humberto Mauro nas filmagens; este médico que esteve presente em várias expedições, era irmão e colega de viagens do autor de uma das biografias de Evandro, Leônidas Deane[6] (1986). A presença de Humberto Mauro sugere a preocupação paralela de Evandro em divulgar suas atividades científicas; esses filmes, do INCE (MAURO; CHAGAS, 1939)[7], foram enviados para uma exposição, em Nova Iorque, como será revelado mais tarde, no diário.[8]

A maior parte do diário diz respeito à malária, por conta da relevância da epidemia que vinha provocando muitos óbitos, mas a doença de Chagas (chamada no texto de tripanosomíase americana) e a leishmaniose continuavam na agenda de Evandro Chagas, assim como a esquistossomose. Nesta primeira página ainda ficamos sabendo que em breve o autor seguiria em viagem para Fortaleza, Russas, Assu e Natal, e que havia apresentado um plano de trabalho em Russas (uma das cidades com postos de atendimento, e sede para

[6] Leônidas, sua esposa Maria (pesquisadores da Fiocruz/RJ) e seu irmão Gladstone trabalharam nos anos 1930, com Evandro Chagas, no Norte e no Nordeste do Brasil.

[7] O filme de Humberto Mauro (em torno de 10 minutos), "Leishmaniose Visceral", traduz a pesquisa de campo. Apesar de não possuir mais áudio e de estar fragmentado, apresenta uma criança e um adulto com a leishmaniose visceral; foi recuperada a possível comparação do adulto antes e depois do tratamento.

[8] Em 2010, obtivemos, no Centro Técnico Audiovisual do Ministério da Cultura, uma cópia de alguns dos filmes realizados por Humberto Mauro com Evandro Chagas. O que foi recuperado de um destes filmes mostra uma criança e um adulto com leishmaniose visceral, a geografia e a vegetação da região em que viviam; o outro é uma filmagem do castelo mourisco de Manguinhos.

estudos de malária e do mosquito *Anopheles gambiae*). Algumas cidades do Ceará, aqui citadas, como Russas, Timbaúbas e Gracismões, assim como Estado do Rio Grande do Norte, foram alvos de importantes investidas de várias instituições no controle da malária, como a Fundação Rockefeller e o Serviço Nacional de Malária, às quais muitas vezes o grupo de Evandro Chagas se uniu.

As indústrias de medicamentos e de inseticidas na realização das pesquisas também sugerem um consórcio com os pesquisadores, nesta página. A Bayer, empresa alemã, forneceu animais de laboratório (hamsters) e apresentou a Evandro Chagas um novo produto para ser usado (provavelmente testado) como tratamento para a doença de Chagas. E o convite para almoçar no Clube Germânia com o representante da Bayer - empresa que, em outras páginas do diário, reforçaria sua presença na venda de produtos de aspersão para insetos – indica formas pelas quais algumas pesquisas foram negociadas e conduzidas (já conhecemos a ligação de Evandro Chagas com a língua alemã).

A ida de Evandro Chagas ao Palácio Itamaraty possivelmente se relacionou com as dificuldades pelas entradas nas florestas em suas inúmeras expedições ao Pará[9]; o Dr. Morelli, a quem se refere no diário, parece ter sido um médico local que apresentaria o Dr. Ferreira D'Almeida, pesquisador de Manguinhos que participara de uma expedição entomológica no Pará (D'ALMEIDA, 1937), ao então chefe da Comissão Demarcadora de Fronteiras, Comandante Braz de Aguiar. A partir dos relatos de D'Almeida, este comandante teria sido extremamente prestativo, pois auxiliara e informara aos cientistas sobre a região, com mapas e fotografias (idem, idem). O encontro talvez tenha sido marcado no Palácio do Itamaraty porque a Comissão Demarcadora de Fronteiras pertencia ao Ministério das Relações Exteriores, sediado neste palácio.

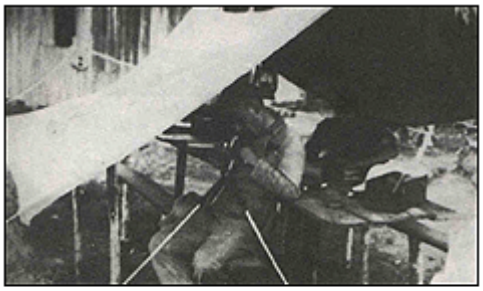
As pesquisas no Norte e no Nordeste do Brasil não poderiam ser realizadas sem levarem em conta intempéries quase diárias pelas quais passariam todos os membros do grupo. Evandro Chagas teve uma dor de dente que ficaria insuportável e o obrigaria, no dia 15/2/39 a se submeter a uma extração do dente em Fortaleza. O Dr. Leônidas Deane

[9] Leônidas Deane, em entrevista de 1987

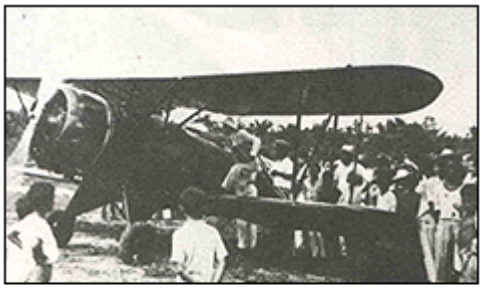
adoecera de malária em Timbaúbas: sofreu de "terçã benigna" e "ficou em condições muito precárias", com "colapsos cardíacos repetidos", necessitando ser removido para Fortaleza (CHAGAS, 1939, 13/3). Mesmo assim, Evandro o repreenderia por duas faltas graves. A primeira, "deu aos empregados subalternos mau exemplo, deixando de fazer o tratamento profilático; em seguida, mais uma vez, fez experiências em si próprio, o que já de há muito declaramos irregular e proibimos terminantemente (...)" (idem, idem, 14/3). Pesava também a lida com circunstâncias e pessoas indesejáveis; as chuvas muitas vezes impediam que seguissem as viagens de carro, obrigando-os a usar barcos e cavalos. As manobras de um Dr. Ramagem, "tendentes a perturbar nossos serviços", começaram a ser documentadas em fevereiro (CHAGAS, 1939, 27/2); quase um mês depois, Evandro falaria da "ação perversa e indigna do Dr. Ramagem Soares que procurou por todos os meios perturbar o andamento do nosso trabalho" (idem, idem, 15/3).

As imagens abaixo e seus respectivos textos (retirados de DEANE, L., 1986) sugerem a precariedade dos laboratórios improvisados e dos meios de transportes aéreos durante as expedições em que acompanhavam Evandro Chagas nas investigações sobre as endemias brasileiras. Sobre os aviões, Leônidas Deane conta:

> "não tinham cobertura. Do peito para cima a gente fica exposto ao vento, então tínhamos que usar capacete, óculos e tudo. As asas eram de lona, às vezes remendadas com esparadrapo. Fazíamos essa viagem uma vez por mês e passávamos cerca de 15 dias no mato. O avião nos largava numa cidade chamada Abaetetuba, no Pará, e tínhamos que andar 18 quilômetros pela mata para poder chegar na zona do calazar." (DEANE, L., 1986)



Evandro Chagas examinando lâmidas de baço de pacientes suspeitos de calazar ao microscópio, na barraca de lona em Piratuba, município de Ananindeua, em 1937-1938



Um dos aviões biplanos e monomotores, de asas de lona, do Correio Aéreo Nacional, para o piloto e um só passageiro, que quinzenalmente levava de Belém a Abaetetuba um a um dos membros da equipe que atuava com Evandro

Considerações finais

O objeto 'diário' cumpre a função de bem cultural a ser contextualizado e de conhecimento a ser transmitido; participa do que a historiadora Alda Heizer (2006) chama de um repertório de *cultura científica*, traduzida em "práticas científicas como uma atividade social e circunstanciada" (HEIZER, 2006).

Alguns elementos do diário, como mapas, alusão aos meios de transportes, aos insetos e à geografia dos locais em que as expedições de Manguinhos se estabeleciam corroboram a ideia de que as ciências se constroem com pessoas, em determinados lugares e sob determinadas condições sociais e culturais. E mais que isso, os pressupostos para a criação de conhecimentos nas viagens estavam legitimados, *a priori*, pelos cientistas da época: uma elite de profissionais, na maioria médicos vinculados à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e ao Instituto de Manguinhos, definia as formas de produção de conhecimento desta área.

Os pesquisadores Júlio Schweickardt e Nísia Trindade Lima (2007; 2010) estudaram relatórios de expedições de médicos e do escritor Euclides da Cunha[10], de mais de duas décadas anteriores às viagens de Evandro. Tais relatórios indicaram como as diversas impressões sobre a Amazônia tornaram possível, dentre tantas questões, a elaboração de políticas públicas para a malária da região (SCHWEICKARDT; LIMA, 2007; SCHWEICKARDT; LIMA, 2010). O diário de Evandro Chagas também relata expedições científicas, nas quais se percebe o processo de construção de determinados conhecimentos e também de verdades que se estabeleceram sobre pessoas, locais e doenças. E apesar de Manguinhos ter sofrido grandes transformações no período entre as expedições referidas acima e as de Evandro Chagas de 1939, estas contribuíram para o conhecimento e diagnóstico de inúmeras doenças endêmicas, especialmente no caso da epidemia de malária pelo *Anopheles gambiae*. Mas diferentemente de seus antecessores, ao grupo que viajava com

[10] Segundo os autores, Euclides da Cunha foi enviado à Amazônia pelo Ministério das Relações Exteriores, no final de 1904, após ser designado chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, a fim de elucidar dúvidas realativas à fronteira entre Brasil e Peru.

Evandro Chagas foi possível diagnosticar e intervir nos pacientes, pois já contava com um hospital em de Manguinhos, onde poderiam ser cuidados, avaliados com instrumental de tecnologia avançada e tratados. Evandro Chagas e alguns de seus companheiros de viagens trabalharam como médicos clínicos no Hospital de Manguinhos, o que vem sendo evidenciado pelo encontro de seu nome em prontuários de diversos pacientes. As identidades de médico clínico e de pesquisador de campo ora se sobrepõem, ora se alternam.

Na análise do diário de Evandro Chagas, percebe-se um discurso que está "silenciado" e busca-se uma forma de "descriptar o negativo nos interstícios do que é dito" (DUBY, 1980:87). Que o diário seja descriptado a partir dos pressupostos aqui apresentados, e de outros tantos; sabemos que estes interstícios, por sua vez, indicarão novas pistas para outras histórias.

Referências Bibliográficas

- BENCHIMOL, Jaime L. Adolpho Lutz, um esboço biográfico. *História, ciência, saúde -Manguinhos* vol.10 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2003
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, nº 21, 1998, p. 43-58.
- CHAGAS, Evandro; FREITAS, Lincoln. Eletrocardiograma na Febre Amarela. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol. 22 supl.7, Rio de Janeiro, 1929
- CHAGAS, Evandro; MARQUES da CUNHA, Aristides; OLIVEIRA CASTRO, Gustavo M.; FERREIRA, L. C.; ROMAÑA, Cecilio. Leishmaniose Visceral Americana (nova entidade mórbida do homem na América do Sul): relatório dos trabalhos realizados pela commissão encarregada do estudo da Leishmaniose Visceral Americana em 1936. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol. 32 nº 3, Rio de Janeiro, 1937
- CHAGAS, Evandro. *Diário de Evandro Chagas*. 1939. (notação COC: BRRJCOCEC 04.026)
- COC (Arquivo). Fundo Evandro Chagas. Página acessada em 23/12/2010: http://icaatom.coc.fiocruz.br/index.php/informationobject/show/isad/372
- D'ALMEIDA, Romualdo F. Excursão científica aos rios Cuminá e Trombetas. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 32 (2): 235-298, 1937.
- DEANE, Leônidas M. *Histórico do Instituto Evandro Chagas: período de 1936-1949*. In: Fundação Serviços de Saúde Pública (Belém). Instituto Evandro Chagas: 50 anos de contribuição às ciências biológicas e à medicina tropical. Belém, 1986. p. 53-67.
- DEANE, Leônidas M.; DEANE, Maria José von Paumgartten. *Entrevista* a Nilcéia Freire e Sheila Kaplan. 1987. (Canal Ciência). Disponível em http://www.canalciencia.ibict.br e acessado em 14 de setembro de 2012
- DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a nova história*. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1989.

- HEIZER, Alda. Museus de Ciências e Tecnologia: lugares de cultura? *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-61, jan / jun 2006
- HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil, 1910 – 1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, nº 11, p. 40-61, 1993.
- KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e as controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 16, sup.1, jul. 2009, p. 205-227.
- MEMÓRIA, Tatiana Chagas. Entrevista à jornalista Ana Paula Goulart de 20/10/2004. Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYE0-5268-225553,00.html e acessado em 05 de janeiro de 2011
- PARAENSE, Wladimir Lobato. Evandro Chagas e as grandes endemias. *Revista do XIX Congresso Brasileiro de Parasitologia* (editorial). Porto Alegre, 1 a 4 de novembro de 2005.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto nº 9.346 de 24 de janeiro de 1912, assinado por Hermes R. da Fonseca e Rivadávia da Cunha Corrêa.
- SÁ, Dominichi M. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o "imenso hospital". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 16, supl. 1, jul/2009, p. 333-348.
- SANGLARD, Gisele Porto. Entre os salões e o laboratório: *Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro*, 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- SCHAFFER, Simon. Making up discovery. In: Boden, M.A. *Dimensions of creativity.* Cambridge: MIT Press. 1994, pp. 13–51
- SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Do "inferno florido" à esperança do saneamento: ciência, natureza e saúde no estado do Amazonas durante a Primeira República (1890-1930). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas.*, vol.5 no. 2. Belém, May/Aug. 2010
- SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-

1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.15-50, dez. 2007.

- SILVA, Carlos Ari César Germano. O rastro da bruxa – *história da aviação comercial brasileira do século XX através de seus acidentes* (1928-1996). 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008.
- SILVA, R. *Malária e desenvolvimento: a saúde pública no governo JK (1956-1961).* Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

Filme

- MAURO, Humberto; CHAGAS, Evandro. *Leishmaniose Visceral Americana* (filme), INCE, 1939.